

Armas Nucleares Não Estratégicas Russas

Jacob W. Kipp

UMA DÉCADA atrás, as armas nucleares não estratégicas pareciam estar perdendo seu lugar nos arsenais das superpotências. No outono de 1991, a administração do presidente Bush anunciou uma série de movimentos unilaterais para reduzir, redobrar e abolir certos sistemas de armas nucleares não estratégicos. Uma semana mais tarde o presidente russo Mikhail Gorbachev comprometeu-se afirmando que a União Soviética, no caos que precedia o colapso, iria dismantelar todas as minas terrestres atômicas até 1998, todos os projéteis de artilharia nucleares até 2000, a metade de todas as ogivas superfície-ar até 1996, a metade de todas as ogivas táticas navais até 1995 (com a outra metade armazenada em terra), e a metade das bombas pertencentes as forças aéreas não estratégicas até 1996.¹ Em janeiro de 1992 o presidente da Federação Russa Boris Yeltsin anunciou que as iniciativas de Gorbachev eram aplicáveis à Rússia. O fato de as armas nucleares não estratégicas terem sido amplamente desdobradas entre as ex-repúblicas soviéticas, se tornou um verdadeiro desafio submetê-las ao controle russo.² Em 1997, um conhecedor do assunto comentou que eliminar armas nucleares não estratégicas parecia ser o lógico próximo passo porém, advertiu que, em face à expansão da OTAN, os líderes políticos e militares russos dos mais altos escalões estavam considerando a revogação da iniciativa de 1991.³

Embora os programas patrocinados pelos EUA permitissem que muitas armas nucleares fossem armazenadas em instalações seguras, mesmo assim surgiram duas questões sobre as iniciativas unilaterais russas. A primeira preocupação era a segurança das armas e a transferência não autorizada das mesmas para terceiras partes.⁴ A segunda era os planos militares russos relacionados com a outra metade de suas ogivas superfície-ar, ogivas navais táticas e bombas.⁵ A resposta emergente se relaciona na maneira como a Rússia percebia as ameaças, a sua política de segurança nacional e a sua doutrina militar. No entanto, abrange

ainda um assunto geoestratégico maior: estava a tão famosa parceria estratégica pós-Guerra Fria findando e tendo início uma nova era entre-guerras das relações russas com o Ocidente, onde a prevenção da guerra cedia lugar à preparação para a guerra?

A campanha aérea da OTAN sobre a Jugoslávia deu início a uma deterioração rápida nas relações Rússia-EUA. O debate russo a respeito das armas nucleares não estratégicas mudou da adequabilidade dos regimes unilaterais existentes e dos prospectos para medidas de controle de armas e autoconfiança para a utilidade de tais armas no teatro de guerra e no gerenciamento do conflito. No início de janeiro de 2001, relatava-se que as Forças Armadas russas haviam levado suas armas táticas nucleares para a área de Kaliningrad.⁶ Tal fato foi negado rapidamente pelo Exército russo.⁷ Nikolai Sokov considerou tal deslocamento improvável, a não ser que fosse iniciada uma segunda expansão da OTAN com a agregação de novos países. Sokov propôs também novas negociações para transformar os regimes unilaterais em um acordo de controle de armas.⁸ Afirma corretamente que discussões russas já associaram o redeslocamento de armamentos nucleares não estratégicos para os novos países da OTAN. Entretanto, em 1999, discussões militares a respeito desses armamentos foram relacionadas ao seu possível papel no teatro de guerra como um contrapeso às declinantes capacidades bélicas convencionais. Grande parte desta discussão presume que os EUA e a OTAN representam o provável ou eventual inimigo.

Este artigo aborda o debate doutrinário surgido a respeito do papel das armas nucleares no teatro de guerra e sua utilidade na desescalada de tais conflitos.⁹

Forças Nucleares Estratégicas, Kosovo e a Dissuasão no TO

Em maio de 1977 Yeltsin demitiu o General Ígor Rodinov do cargo de Ministro de Defesa. Há um ano Rodinov vinha discutindo com os líderes civis a respeito do caminho

Sokov propôs também novas negociações para transformar os regimes unilaterais em um acordo de controle de armas. Afirma corretamente que discussões russas já associaram o redeslocamento de armamentos nucleares não estratégicos para os novos países da OTAN. Entretanto, em 1999, discussões militares a respeito desses armamentos foram relacionadas ao seu possível papel no teatro de guerra como um contrapeso às declinantes capacidades bélicas convencionais. Grande parte desta discussão presume que os EUA e a OTAN representam o provável ou eventual inimigo.

certo para a reforma militar. Pressionado a limitar a reforma apenas às Forças Armadas e concentrar-se na redução do efetivo, Rodinov alertou que os novos países da OTAN poderiam fazer com que a Rússia viesse a aumentar sua ameaça nuclear não estratégica nas suas fronteiras ocidentais. “Talvez tenhamos que objetivamente enfrentar a tarefa de aumentar nosso armamento nuclear na nossa fronteira.”¹⁰

Rodinov foi substituído pelo General Ígor Sergeev, comandante das Forças de Mísseis Estratégicos (*Strategic Rocket Forces — SRF*). Ao contrário de Rodinov, que concentrou-se na reforma das forças convencionais da Rússia, Sergeev deu prioridade à reorganização das forças estratégicas russas e seu comando e controle. Durante os próximos 18 meses, Sergeev conseguiu o apoio de Yeltsin para realizar uma série de atividades relativas à dissuasão estratégica, culminando com o conceito, “*Main Policy Guidelines of the Russian Federation in the Area of Nuclear Deterrence*” (Principais Normas de Política da Federação Russa na Área da Dissuasão Nuclear).¹¹ Yeltsin apoiava o plano de Sergeev de incorporar tropas de defesa espaciais, tropas de defesa contra mísseis balísticos e sistemas de alerta de mísseis com as Forças de Mísseis Estratégicos. Em novembro de 1998 Yeltsin estabeleceu a Força de Dissuasão Estratégica que incluía: as forças de mísseis estratégicos, forças nucleares estratégicas navais; aviação de longo alcance; e o 12º Diretório do Ministro de Defesa, responsável pelo desenho, produção e controle dos armamentos nucleares. Sergeev considerava estes empreendimentos necessários para deter agressões em grande escala.¹² Em julho de 1998, o Conselho de Seguran-

ça aprovou a estrutura da Forças de Dissuasão Nucleares da Rússia até o ano 2010. Em dezembro de 1998 a Rússia adotou novas e importantes provisões para a sua política de dissuasão nuclear.

Em janeiro de 1999, o General V. M. Baryn`kin abordou as ameaças enfrentadas pela Rússia e as apropriadas respostas para as mesmas identificando quatro delas, a saber:

- Ameaças resultantes de velhas contradições entre o Leste e o Oeste.

- Ameaças oriundas dos tradicionais desacordos entre a Rússia e os EUA, Alemanha, França, Turquia, Japão, China, Paquistão e Irã.

- Novas ameaças provenientes das contradições étnicas e religiosas, especialmente do fundamento islâmico.

- Ameaças provenientes da proliferação das armas de destruição em massa, incluindo o seu deslocamento na periferia da Rússia.¹³

Baryn`kin aprovou o controle do armamento estratégico e a redução dos arsenais estratégicos enfatizando, ao mesmo tempo, que “a tríade nuclear estratégica da Rússia irá servir como um fator dissuasor confiável”.¹⁴

A vitória política de Sergeev não durou muito. Sua ênfase na dissuasão nuclear estratégica sugeria uma influência política já que a Rússia mantinha seu papel de líder do poder nuclear, porém essa dissuasão não se transformou em poder político durante situações de crise e parecia muito vazia diante da campanha aérea da OTAN contra a Iugoslávia. Os esforços do primeiro ministro Yevgeniy Primakov para desfazer aquela influência política foi inicialmente contraproducente. Yeltsin teve pouca ascendência sobre o Ocidente, e era mais fácil culpar aqueles que haviam vendido a utilidade política de uma ampliada dissuasão estratégica.¹⁵ Em abril de 2001 Sergeev foi substituído por Sergey Ivanov.

A lacuna existente entre dissuasão nuclear estratégica e resposta flexível contra a agressão convencional tem agora prioridade. Durante a campanha aérea da OTAN, o Conselho de Segurança reuniu-se para discutir temas nucleares, principalmente a condição das instalações de produtos nucleares. Entretanto, durante a primeira reunião conduzida pelo novo secretário do Conselho, Vladimir Putin, a discussão mudou para o papel dos armamentos nucleares interagindo contra ameaças de intervenção por forças convencionais modernas dotadas com ataque de precisão.¹⁶

Um mês antes da reunião, a revista *Military Thought* (Pensamento Militar), publicou um artigo sobre os fundamentos teóricos da estratégia nuclear. A.V. Nedelin esboçou o papel da estratégia nuclear para restabelecer o lugar da Rússia como “uma grande potência mundial” e impôs uma teoria que levaria em consideração uma “mudança constante no espectro, natureza e geografia das ameaças.”¹⁷ A teoria de Nedelin sobre a estratégia nuclear incluía fundamentos gerais da estratégia nuclear, teoria sobre a dissuasão nuclear, teoria do emprego

das armas nucleares no combate e a teoria de armamentos nucleares. Sua abordagem sobre a estratégia nuclear transcendia temas técnicos e militares, introduzindo fatores subjetivos de genética e psicologia étnica. Salientou que potências marítimas preferem uma dissuasão baseada no mar, enquanto nações continentais dão primazia a sistemas terrestres, enfatizando a importância da aspiração nacional em aceitar perdas quando no encalço de importantes objetivos. Ainda destacou os sentimentos expansionistas, a agressividade e a determinação ao assumir fardos e perdas na guerra, e os meios para a recuperação após uma catástrofe nacional.¹⁸ Ao introduzir estes fatores subjetivos na avaliação dos riscos, Nedelin conscientemente se transpôs dos critérios técnico-militares para sucesso operacional com vistas à conjetura política.

Os críticos de Sergeev usaram a campanha aérea da OTAN sobre a Iugoslávia de duas maneiras. Primeiro, enfatizaram os limites da dissuasão nuclear estratégica quando interesses além da fronteira russa não justificam uma grande guerra. Segundo, os ataques de precisão da campanha aérea suscitaram a possibilidade de uma intervenção similar por parte da OTAN contra a periferia da Rússia. A opinião pública russa considerou as ações da OTAN contra a Iugoslávia como moralmente erradas e uma ameaça indireta para a sua nação. Devido à crescente possibilidade de novas hostilidades no Cáucaso e o crescente interesse na região do Cáspio, resultante de um provável “grande jogo” para a obtenção de petróleo e gás, surgiu uma nova prioridade militar: a habilidade de engajar em dissuasão de teatro.

Armas Nucleares Não Estratégicas e a Desescalada da Guerra Local

“Desescalada das atividades militares” é o termo russo usado para designar o emprego de forças nucleares em uma guerra local ou regional. Exige o emprego de forças nucleares estratégicas e armas nucleares táticas-operacionais dentro de um teatro soviético de operações militares.¹⁹ O conceito requer uma clara cadeia de comando, do Alto Comando Supremo até o comandante do teatro de operações. Armas nucleares táticas-operacionais incluem “aviação do teatro, aviação naval, aviação de defesa aérea, complexo de artilharia e mísseis das forças terrestres, mísseis, torpedos da marinha convencional, complexos de defesa antiaérea, bem como minas nucleares das tropas de engenharia, helicópteros navais em missões de guerra anti-submarina”.²⁰ Estas forças são os sistemas não estratégicos, cobertos pelo regime unilateral que Gorbachev explicou em detalhes e Yeltsin confirmou no início da década de 90. Desescalada presume o atual emprego de armas nucleares para demonstrar resolução. Esta tarefa pode ser realizada pelo emprego de armas nucleares não estratégicas, as quais podem excluir uma avalanche de armas nucleares quase até o intercâmbio considerável de ataques nucleares com sistemas nucleares es-

tratégicos. Neste caso, nos parece, que será mais vantajoso para o inimigo parar com as ações militares”.²¹

Aqui a desescalada inclui uma escalada nuclear que vai desde um simples ataque nuclear, um ataque nuclear em grupo, um ataque nuclear concentrado até chegar a um ataque nuclear em massa. Cada um deles está associado a um conceito específico de escalada: demonstração, dissuasão-demonstração, dissuasão, dissuasão-retaliação e retaliação.²² Cada passo reflete uma pressuposição da situação militar. Portanto, a demonstração envolveria ataques a áreas isoladas e a alvos militares secundários, procurando infligir um mínimo número de baixas. Cada passo posterior empregaria uma força maior contra alvos militares de maior valor para influir no curso e no resultado do combate no TO e além deste. Dissuasão-retaliação envolveria ataques coordenados contra as forças inimigas em um TO. Em uma operação defensiva desfavorável poderia dissuadir o intento de destruição do oponente, mudar decisivamente a correlação de forças sobre a direção operacional (orientação) e liquidar qualquer ruptura inimiga. Retaliação-dissuasão acarretaria ataques em massa para destruir forças inimigas em todo o TO e criar uma mudança fundamental na correlação de forças. Retaliação, fase final antes de uma troca geral de fogos estratégicos, engloba ataques em massa em todo o teatro de guerra para destruir a infra-estrutura econômica-militar inimiga.²³

O Alto Comando Supremo planejará e autorizará tais ataques; o comandante do TO os executará; o comandante do teatro de operações poderia ter à sua disposição de “dois a seis regimentos de aviação do TO e de três a cinco brigadas de mísseis”.²⁴ Estes tipos de forças são um componente necessário para a prevenção ou conclusão do conflito. Apenas um cálculo racional da composição das forças de ataque nucleares das formações táticas-operacionais (forças armadas do teatro de operações militares) dotadas do conjunto de aeronaves e mísseis (forças de mísseis e de artilharia das forças terrestres) permitirão uma destruição nuclear efetiva em uma operação sob quaisquer circunstâncias para garantir a dissuasão e a desescalada das ações militares em uma importante guerra regional.²⁵ Dissuasão aqui abrange um elo direto entre o emprego escalonado de forças nucleares não estratégicas e a determinação de empregar forças nucleares estratégicas até o ponto da “destruição mútua”.²⁶

ZAPAD-99 e Armas Nucleares Não Estratégicas

A desescalada foi praticada durante o ZAPAD — 99, o maior exercício de teatro militar russo realizado em junho de 1999, envolvendo o QG e as estruturas de comando de cinco distritos militares (Leningrado, Moscou, Cáucaso, Trans-Volga e Volga) e três frotas (dos mares do Norte, Báltico e Negro) — aproximadamente 50.000 homens entre comando e pessoal de estado-maior. Localizado no mar

Báltico, o cenário visualizava “uma agressão da OTAN contra a Rússia e seus aliados” composta por 450 aeronaves pertencentes a aviação tática e estratégica inimiga e 120 mísseis teleguiados cujo alvo era a Bielorrússia. Com as forças convencionais de Kaliningrad enfraquecidas devido ao impacto sofrido pelos ataques de precisão, a Rússia respondeu com limitados ataques nucleares lançados por mísseis cruzado dos bombardeiros TU-95 e TU-160 “contra os países de onde provinham as ofensivas”.²⁷ O horário previsto para o exercício — na véspera do 48º aniversário do desencadeamento da Operação *Barbarosa* pelas forças alemãs (*Wehrmacht*) — foi intencional. Alguns dias antes 200 pára-quedistas russos designados para a Bósnia como parte de uma força de estabilização, haviam se dirigido à Pristina a fim de alcançarem Kosovo antes da chegada das forças de manutenção da paz da OTAN.

Imediatamente após o exercício, Yeltsin visitou líderes do governo e das Forças Armadas felicitando-os pelo êxito do exercício, afirmando que uma agressão militar de grande porte contra a Rússia “era algo para livros de ficção científica”.²⁸ Esta afirmativa poderia ser considerada como uma rejeição à premissa básica do exercício. Outra interpretação seria que o conceito russo de desescalada do conflito funcionaria apenas diante de uma limitada intervenção em uma guerra local. Kosovo parecia confirmar a avaliação do Estado-Maior Geral sobre as limitações operacionais que seriam impostas às intervenções dos EUA-OTAN em guerras locais na periferia da Rússia. A campanha aérea, armas de ataque de precisão, guerra de informação e a preocupação dos EUA-OTAN em reduzir o risco de baixas levariam a uma nova forma de combate: “guerra sem contato”.²⁹

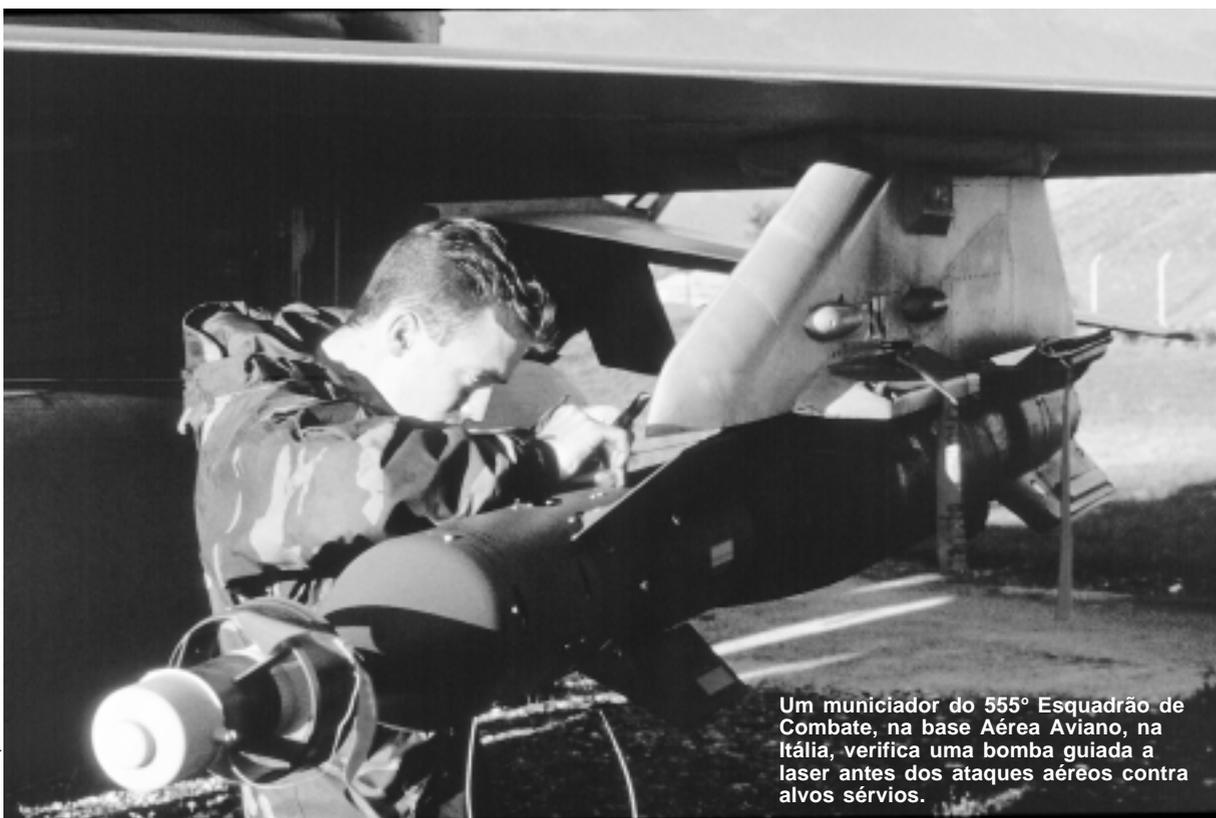
Após a intervenção militar da OTAN em Kosovo, o General Mahmut Gareev, presidente da Academia Militar de Ciências (uma organização não governamental muito próxima ao Ministério da Defesa e ao Estado-Maior russo), realizou uma conferência sobre o papel da ciência militar na determinação dos requisitos para a defesa nacional. Durante sua palestra, Sergeev explicitamente vinculou o estudo das experiências militares passadas à formulação dos novos conceitos da arte militar. Enfatizou a necessidade de “analisar as formas e os meios de emprego das forças armadas dos EUA e da OTAN contra a independente Iugoslávia”.³⁰ Sergeev havia observado desvantagens específicas no adestramento operacional e de combate durante o exercício ZAPAD-99. O exercício empregou as forças nucleares russas em um ataque para neutralizar um agressor que empregava forças convencionais avançadas, destacando um dos maiores pontos de Gareev. As forças nucleares manteriam suas capacidades de dissuasão e impediriam o emprego em massa dessas forças, porém não poderiam excluir o emprego de armas convencionais avançadas em um conflito local.³¹ O resultado foi um enfoque sobre o impacto dos sistemas de ataque de precisão em guerras locais e o emprego dos sistemas de armas nucleares

não-estratégicas na dissuasão de tais ataques. Desde a *Desert Storm*, analistas norte-americanos vêm desenvolvendo novos papéis e conceitos para os sistemas de armas de alta tecnologia com capacidade para destruir alvos estratégicos ao se desferir o primeiro ataque. Assim sendo, os EUA podem assegurar a capacidade de dissuasão dessas armas não nucleares afirmando a plausibilidade de causar danos inaceitáveis.³² A liderança sobrepujante dos EUA nesta área sugere que a única resposta eficaz russa é a dissuasão assimétrica baseada em forças convencionais e nucleares. Contudo, existem riscos associados com uma inferioridade muito grande em sistemas de armas convencionais. Dada a assimetria das forças convencionais, o limite para o emprego de armas nucleares é determinado pelo potencial das próprias forças convencionais em relação ao potencial das forças oponentes. Portanto, um alto grau de assimetria das forças convencionais reduz o limite declarado para o emprego de forças nucleares e aumenta o perigo do emprego de armas nucleares, mesmo em conflitos de baixo nível.³³

O contínuo aperfeiçoamento dos sistemas de precisão de ataque em profundidade norte-americanos põem em risco a segurança e a estabilidade das forças nucleares estratégicas russas. Uma das respostas russas seria investir em precisão, longo alcance e sistemas de armas não nucleares para evitar o emprego destas últimas, aumentar a eficácia da dissuasão e executar importantes missões em conflitos locais.³⁴ A Rússia poderá ser forçada a depender temporariamente de sistemas de armas não estratégicos devido a redução orçamentária, porém isto não se constitui em uma solução a longo prazo, dada a velocidade e o escopo do desenvolvimento dos sistemas de precisão e ataque em profundidade dos EUA.

As prioridades orçamentárias (estabelecer verbas para pesquisa e desenvolvimento dos sistemas de ataque em profundidade convencionais versus a manutenção de armas nucleares não estratégicas) envolvem a avaliação de uma iminente intervenção dos EUA-OTAN em guerras locais na periferia da Rússia. No início do outono de 1999 havia uma grande possibilidade de intervenção à medida que a situação do Cáucaso se deteriorava com combates abertos em Dagestan e Chechênia. Sistemas de armas nucleares não estratégicas foram considerados um elemento vital na dissuasão de tais intervenções e na “prevenção de agressões ou de transição de uma guerra local para uma de grande escala”.³⁵ Outros discordaram da dependência nos sistemas de armas nucleares, dando prioridade a dissuasão em potencial das forças nucleares estratégicas da Rússia e preocupando-se com a discussão de empregar a primeira opção.³⁶ O autor Sergey Brezkun propôs romper com o Acordo das Forças Nucleares de Alcance Intermediário (*Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty* — entre os EUA e a União Soviética para eliminar seus mísseis nucleares de curto e médio alcances) e lançar o novo míssil SS-20

Fotos: Departamento de Defesa



Um municionador do 555º Esquadrão de Combate, na base Aérea Aviano, na Itália, verifica uma bomba guiada a laser antes dos ataques aéreos contra alvos sérvios.

O conceito russo de desescalada do conflito funcionaria apenas diante de uma limitada intervenção em uma guerra local. Kosovo parecia confirmar a avaliação do Estado-Maior Geral sobre as limitações operacionais que seriam impostas às intervenções dos EUA-OTAN em guerras locais na periferia da Rússia. A campanha aérea, armas de ataque de precisão, guerra de informação e a preocupação dos EUA-OTAN em reduzir o risco de baixas levariam a uma nova forma de combate: “guerra sem contato”.

Pioneer com um alcance de 5 000 km. Esta foi a sua resposta às contínuas preparações da OTAN para empregar sistemas de armas nucleares táticos na Europa. Ao mesmo tempo, ele alertava que armas nucleares não deveriam ser consideradas como “um meio de conduzir operações de combate efetivas”.³⁷

A Era de Putin e as Armas Nucleares Não Estratégicas

No outono de 99 o Governo russo reiniciou novas ações hostis contra a Chechênia. Vladimir Putin, então Secretário do Conselho de Segurança, passou a ocupar o cargo de Sergei Stepahin como primeiro-ministro. Putin apoiou uma grande campanha na Chechênia para romper a resistência e reincorporar aquele estado à Federação Russa. Em questão de meses Putin conseguiu transformar a guerra em um sucesso eleitoral e popular nacional. Seu Partido Unitário venceu as eleições parlamentares em dezembro, e ele substituiu Yeltsin após a sua demissão. Na primavera de 2000 Putin foi

eleito presidente por seus próprios méritos. Finalmente, a Rússia parecia desfrutar de um líder nacional eficaz com condições de coordenar uma política estatal coerente. Os Departamentos de Defesa e da Polícia, embora governados pelos eventos na Chechênia, ainda tinham alta prioridade. Dissuasão nuclear continuava a ser o tema principal nas discussões políticas.

Em outubro, o Ministro de Defesa publicou um anteprojeto da doutrina militar para debates e considerações. O anteprojeto salientava a ameaça imposta por forças superiores no sistema internacional e apresentava uma posição para fomentar um mundo multipolar. Esta doutrina continha e ampliava a discussão sobre a dissuasão e o emprego de armas nucleares. Caso a dissuasão falhasse, a Rússia empregaria armas nucleares para infligir suficientes danos em seu agressor ou na coalizão de agressores. A Rússia promete não empregar armas nucleares contra estados que fazem parte do Acordo de Não Proliferação Nuclear e que não possuem este tipo de armamento. Esta promessa,

entretanto, não é válida em caso de uma invasão direta à Rússia, um ataque às suas Forças Armadas ou outras tropas, um ataque a um estado aliado que não possua armas nucleares ou um ataque a um estado aliado da Rússia dotado de armamentos nucleares. O anteprojeto especifica que a Rússia reserva o direito de empregar armas nucleares contra armas de destruição em massa lançados contra ela e para defender-se contra uma agressão em grande escala de forças convencionais em situações críticas à segurança nacional da Federação Russa e de seus aliados”.³⁸

O debate sobre o anteprojeto da doutrina militar foi muito prolongado, tendo como tópicos principais a dissuasão nuclear e o papel das forças nucleares não estratégicas. Entre os críticos do anteprojeto se encontram muitos oficiais do alto escalão que questionavam a resposta dessa doutrina nos eventos ocorridos em Kosovo e Iraque. O *General Coronel* da reserva Viktor Kopylov tinha dúvidas sobre a avaliação da ameaça abordada naquela doutrina considerando-a insuficiente por não ponderar o acrescido risco da guerra nuclear. Kopylov culpava a OTAN por tal risco e afirmava que a aliança havia mudado de uma política “de natureza oculta” para uma de abordagem direta da guerra, uma “fase aberta” de “excesso de violência quando qualquer meio justifica o fim”.³⁹ O *General Major* (Res) Stepan Tyushkevich, importante teórico militar, afirmava que a doutrina proposta não levava em consideração a experiência militar mais recente, inclusive a Operação *Desert Fox* e a campanha aérea sobre a Iugoslávia, onde um lado usou armamentos modernos para engajar em uma “guerra sem contato”. Segundo Tyushkevich, a qualidade decadente da teoria e ciência militar russa era um resultado direto da falta de reconhecimento das experiências recentes.⁴⁰

Alguns analistas propuseram que a doutrina militar considerasse a realidade de uma guerra sem contato e discutisse a utilidade de uma desescalada, empregando sistemas de armas nucleares não estratégicos.⁴¹ Discordando dos pontos de vista de Stanislav Voronin e Brezkun, Vladimir Sivolob e Mikhail Sosnovsky afirmaram que “uma definição das condições para o emprego de armas nucleares é de forma alguma um assunto secundário, mas um problema muito importante”.⁴² Os autores desenvolveram algoritmos para uso nuclear a fim de interpretar novamente as proporções quantitativas e qualitativas das armas convencionais, não convencionais e nucleares, e para aperfeiçoar a performance das missões nucleares de destruição. Identificaram, também, três situações para o emprego de armas nucleares:

- Emprego, pelo inimigo, de armas de destruição em massa ou evidência de preparação imediata para fazê-lo.
- Resultado de ações inimigas contra instalações estratégicas (não apenas militares), mesmo com o emprego de armamentos convencionais.
- Ameaça de perturbar a estabilidade de uma defesa estratégica.⁴³

Embora os autores tivessem observado o papel dissuasivo das forças nucleares, inclusive ataques retaliatórios em massa, alertaram que: “isto não significa que é sempre aconselhável executar missões de dissuasão e de resposta à agressão empregando somente armamentos estratégicos nucleares. Sob certas condições, a dissuasão regional mais eficaz pode ser garantida por meios que, por um lado, poderiam ser suficientes para infligir danos significativos no oponente e portanto cumprir com a ameaça e, por outro, menos potente de modo que o resultado da própria dissuasão e a sua falta de emprego tornem-se visíveis”.⁴⁴

O debate russo sobre a resposta às propostas norte-americanas e o Programa Nacional de Defesa de Mísseis ficou rapidamente enredado no tema relativo às armas nucleares não estratégicas. Enquanto no início da década de 2000 parecia haver poucas esperanças para negociações entre as administrações Clinton e Putin, foram publicados no jornal *Voeynnaya mysl* dois artigos contraditórios em resposta às propostas norte-americanas: V. N. Tsygichko e A. A. Piontkovsky propunham buscar uma solução cooperativa, e o Coronel S. V. Kreydin rejeitava qualquer cooperação. Os editores do jornal convidaram os leitores para discutir este assunto. Tsygichko e Piontkovsky defenderam contundentemente a revisão do Acordo de Mísseis Antibalísticos em favor dos interesses russos a fim de manter uma transparência e cooperação, limitar qualquer possibilidade de desencadeamento e evitar o desenvolvimento de uma robusta defesa de mísseis balísticos estratégicos. Eles notaram que a cooperação entre os EUA e a Rússia para criar um sistema balístico no teatro da Europa poderia ser a base para modificar o Acordo de Mísseis Antibalísticos.⁴⁵ Entretanto, Kreydin descreveu o limitado Acordo de Mísseis Antibalísticos do Governo Clinton como o “nariz do camelo debaixo da tenda” — o primeiro passo para o desencadeamento estratégico e o solapamento da estabilidade nuclear.

Todavia, Kreydin nota que tal política enfrentará sérias dificuldades técnicas e militares uma vez que modernas forças nucleares ofensivas podem sobremaneira complicar as tarefas do defensor. Conclui que a Rússia não deveria construir um moderno e limitado sistema de defesa de mísseis balísticos, mas empregar seus limitados recursos para apoiar seu poder nuclear em potencial, que pode deter grandes ameaças convencionais bem como nucleares.⁴⁶ Enquanto os altos escalões militares e políticos da Rússia poderiam anunciar sua retirada do Acordo de Mísseis Antibalísticos como um golpe à estabilidade política global e causar uma nova corrida armamentista, eles optaram por apoiar sistemas de defesa de mísseis não estratégicos de teatro ou defender uma maior dissuasão nuclear como a resposta adequada aos esforços norte-americanos para alcançar uma hegemonia nuclear ao mesmo tempo em que induz a Rússia a se desfazer de sua capacidade nuclear.⁴⁷

Kreydin propõe uma mudança fundamental no papel de combate dos sistemas nucleares, e rejeita a suposição básica de que a estabilidade da dissuasão nuclear depende da sobrevivência do arsenal. Sua proposta é a introdução do conceito de estabilidade das tropas de combate — sua habilidade de cumprir a missão sob ataques inimigos. Citando as realidades emergentes dos ataques de precisão em profundidade com forças convencionais, Kreydin rejeita a noção de que a Rússia pode engajar em uma protelada guerra de desgaste. A única medida eficaz é a nuclear: “Ataques com sistemas de armas de longo alcance, inclusive os não nucleares, permite ao eventual inimigo executar, com eficácia, uma grande variedade de missões ofensivas, inclusive isolar totalmente o teatro de guerra, combater o segundo escalão estratégico e desorganizar e interromper a produção militar. Sob estas condições, nosso argumento a respeito do combate pela iniciativa estratégica, naturalmente ainda é sistemas de armas nucleares.”⁴⁸

O conceito de Kreydin pela estabilidade das forças de combate nucleares no teatro de operações não passou despercebido. Foi acusado, por seus críticos, de representar pobremente a situação sobre a qual poderiam ser empregadas forças nucleares não estratégicas. Segundo seus críticos, ao enfatizar a estabilidade de combate ele subestimou o problema do controle da natureza e da proporção de guerra nuclear. Nos recordam que “guerra nuclear controlada e limitada não é unilateral; a resposta do inimigo é relevante, existindo também o risco de uma escalada que levaria a mudanças radicais e inesperadas na proporção do conflito.”⁴⁹ Os autores observam que não há dúvida sobre a superioridade da OTAN em sistemas convencionais e nucleares não estratégicos. A vantagem da OTAN é de 2 para 1 em aeronaves com capacidades nucleares. Empregar modelos de técnicas de combate, afirmam os autores, “Com superioridade convencional na fase inicial da guerra, certamente resultará em um aumento de superioridade, inclusive sistemas nucleares não estratégicos, à medida que o conflito continua”.⁵⁰

Sob tais circunstâncias os sistemas nucleares não estratégicos russos poderão ser colocados em uma situação de “usar ou desperdiçar”. A Rússia não terá condições de orientar ou controlar tal conflito a fim de obter um resultado militar ou político bem-sucedido. A única salvação para a abordagem de Kreydin é presumir que ataques nucleares não estratégicos poderiam impor um nível de baixas inaceitável para o inimigo. Este fator subjetivo não pode ser eficazmente copiado porque “a busca por uma norma para baixas inaceitáveis não seria lucrativa”.⁵¹ Se invocassem a teoria do caos e a de sistemas complexos, os autores retornariam para a centralização da dissuasão e afirmariam que “armamentos nucleares não estratégicos não são nada mais que ‘um fator de apoio de dissuasão’”.⁵² Investir no seu desenvolvimento irá apenas subestimar forças convencionais e nucleares estratégicas.

Forças nucleares estratégicas continuam a ser o princi-

pal meio de dissuasão, porém a presença de armamentos nucleares não estratégicos oferece uma possibilidade (embora transitória) de evitar uma transformação tipo avalanche de um conflito regional em um ilimitado emprego global de armas nucleares. Nestas circunstâncias sistemas de armas nucleares não estratégicas podem ser empregadas para destruir alvos militares na região. Contudo, se o inimigo não cessar a agressão, isto significa que “apenas os alvos de valor deverão ser atacados por aeronaves de grande alcance pertencentes às forças nucleares estratégicas”.⁵³ O grupo de alvos transforma-se em estações nucleares com a ameaça de infligir danos assimétricos nos países membros da OTAN. A adição de mais alvos somente faz igualar uma suficiente força estratégica não nuclear mais complexa sob estas circunstâncias dinâmicas.

Atrás dessas discussões de armamentos nucleares não estratégicos encontrava-se um alerta para a transformação ainda mais dramática da guerra com o desenvolvimento de armas de ataque de precisão, guerra de informação e comando, controle, comunicações e inteligência avançados. Os proponentes desta transformação a rotularam como “guerra da sexta geração”, associando sua aparência com o fim da hegemonia das armas nucleares e da dissuasão. Um dos teóricos militares mais ativos da Rússia, *General Major* (Res) Vladimir Ivanovich Slipchenko, emergiu como um dos principais defensores da guerra da sexta geração.⁵⁴ Especialista em guerra rádio-eletrônica e de defesa aérea, Slipchenko graduou-se pela Academia Militar do Estado-Maior Geral em 1988, servindo, logo após, naquela mesma Instituição como professor, orientando pesquisas de pós-graduação. Considerava a aplicação de armas de precisão para ataques em profundidade durante a Guerra do Golfo apenas como um precursor para uma revolução mais fundamental da arte militar. Suas previsões são que a guerra da sexta geração alcance maturidade entre 2007 e 2030.

Slipchenko enfatiza as mudanças radicais que a tecnologia avançada trouxe para as sociedades, e os meios e recursos através dos quais as sociedades se engajam em guerras e conflitos armados. Entretanto, o impacto das novas tecnologias na arte militar está protelado e desigual.

Alguns estados poderiam absorver as recentes inovações e adotar novas formas e métodos de combate, enquanto outros se encontram respondendo a mudanças formuladas pelos países mais avançados. A tendência para interpretar estas mudanças de forma conservadora tem levado os exércitos a prepararem-se para guerras do passado em vez de definirem a natureza dos futuros conflitos e prepararem-se para enfrentá-los. Slipchenko aborda brevemente as quatro primeiras gerações da guerra — o suficiente para mostrar a evolução das armas de ferro e do combate aproximado passando pela revolução da pólvora, pela industrialização e pela guerra mecanizada.⁵⁶

Isto prepara o cenário para o que Slipchenko chama de anomalia da guerra de quinta geração — armas nucleares, o

A verdadeira guerra de sexta geração irá envolver ataques sistemáticos nos lados opostos do potencial econômico e da infra-estrutura, usando ataques de precisão e informação em uma guerra sem contato. Forças terrestres perderão seu papel tradicional de derrotar as forças terrestres inimigas e ocupar seu território. As capacidades inerentes dos sistemas convencionais avançados têm solapado a capacidade de dissuasão das armas nucleares, desde que seu poder de destruição seria difícil de controlar e arriscaria uma escalada descontrolada do conflito que seria letal aos beligerantes e ao resto do mundo.

poder destrutivo que rompeu o elo entre os fins políticos e os meios militares. Se as quatro primeiras gerações da guerra eram evolucionárias, progredindo de uma para a outra e gradualmente transformando as táticas do campo de batalha, o salto para a quinta geração em poder de destruição rompeu com a lógica da guerra como sendo a continuação da política segundo Clausewitz. A dissuasão substituiu o combate como o cerne da guerra de quinta geração, uma vez que o emprego das armas nucleares foi confinado aos ataques em Hirochima e Nagasaki. A guerra de sexta geração abarca sistemas de armas convencionais avançados, que incorporam sistemas de controle automatizado, combate rádio-eletrônico, ataques de precisão em profundidade e armamentos baseados em novos princípios físicos. Slipchenco argumenta que a Guerra do Golfo marcou o fim de uma era e foi a precursora da guerra de sexta geração.⁵⁷

A verdadeira guerra de sexta geração irá envolver ataques sistemáticos nos lados opostos do potencial econômico e da infra-estrutura, usando ataques de precisão e informação em uma guerra sem contato. Forças terrestres perderão seu papel tradicional de derrotar as forças terrestres inimigas e ocupar seu território. As capacidades inerentes dos sistemas convencionais avançados têm solapado a capacidade de dissuasão das armas nucleares, desde que seu poder de destruição seria difícil de controlar e arriscaria uma escalada descontrolada do conflito que seria letal aos beligerantes e ao resto do mundo. Slipchenco descreve esta condição como “impotente nuclear”.⁵⁸

A partir desta posição conceitual diferente sobre os sistemas de armas nucleares, Slipchenco discute o fim do longo período de dissuasão para a Rússia. Possuir paridade nuclear em arsenais estratégicos não foi obstáculo para a expansão da OTAN ou impedimento para suas intervenções militares na Bósnia, Herzergóvina, Iugoslávia e Kosovo.

Forças nucleares estratégicas não podem sustentar a Rússia durante um declínio econômico generalizado e uma crise social. Na verdade, sustentar um arsenal nuclear desvia os recursos que poderiam ser empregados para o desenvolvimento de armas convencionais avançadas para a guerra de sexta geração.

Sistemas de armas nucleares não impedirão guerras de sexta geração, mas tornarão a economia civil e a infra-estrutura em alvos vulneráveis, sendo a destruição de qualquer uma delas uma situação calamitosa. Guerra de sexta geração irá remodelar a arte militar, introduzir novos meios e métodos de conduzir guerra sem contato e efetuar uma reorganização radical para as forças armadas.

Slipchenco fez uma grande observação quanto ao emprego deste tipo de guerra para atingir objetivos políticos. Devido ao desenvolvimento tecnológico, científico e econômico desigual, alguns estados farão uma imediata transição para a guerra de sexta geração; estados menos desenvolvidos levarão mais tempo; e, para alguns, este tipo de guerra talvez seja possível somente em um futuro distante. Para as nações mais avançadas, inclusive os EUA, haverá um período no qual a guerra de sexta geração será um instrumento de política. O principal objetivo da guerra de sexta geração será destruir o potencial econômico e mudar os regimes políticos. Dada a atual condição inferior da guerra convencional da Rússia e sua lenta modernização convencional, o conceito de Slipchenco deixa significativo residual de utilidade para armamentos nucleares não estratégicos como um meio de defesa passageiro, enquanto armamentos nucleares de quarta geração podem ser integrados à sexta geração. Slipchenco alerta para a tendência e os sinais de graves riscos associados com ser o primeiro a empregar a dissuasão, convencioneando que esta trará mais incerteza do que utilidade.⁵⁹

Críticos o acusam de ser “um determinista tecnológico” que transforma um sistema de armas em talismã sem examinar o problema dialeticamente — em sua totalidade ou interconexões. Da mesma forma que Giulio Douhet falava sobre o poder aéreo e J. F. C. Fuller sobre a mecanização durante os anos entre guerras, Slipchenco extrapola sobre a Guerra do Golfo e Kosovo. Entretanto, ignora o fato de que um lado desfrutou de uma superioridade quantitativa e qualitativa esmagadora. Qual seria o resultado de um grande conflito se ambas as partes possuissem tais armas? Analisando ambos os conflitos seus críticos enfatizam a desconexão entre o sucesso das armas avançadas em combate e o seu impacto no resultado político dos conflitos. Em nenhum dos conflitos a OTAN obteve seus objetivos de destruir o potencial econômico do Estado e mudar o seu regime político.⁶⁰ Em uma futura guerra regional, não há nenhuma razão para excluir o emprego de armas nucleares ou supor que as forças terrestres irão desaparecer. O que irá mudar serão os seus respectivos papéis. De forma alguma um conflito de tal natureza será apenas um concurso tecnológico sem derramamento de sangue, deci-

dido por armamentos avançados. O fator humano inerente à prática da arte militar será mais e não menos importante em tais conflitos.⁶¹

O debate sobre o emprego de sistemas nucleares não estratégicos parece ter sido parte de uma luta pelo poder entre Sergeev e o Chefe Estado-Maior Geral Anatoliy Kvashnin. Em julho de 2000, uma série de “vazamentos oficiais” das propostas de Kvashnin, tornou pública a contenda sobre a “desativação da capacidade nuclear” da estratégia russa, a subordinação das forças de mísseis estratégicos como um componente da força aérea e a mudança drástica para efetuar o aperfeiçoamento das armas convencionais.⁶² Este debate dentro do colegiado do Ministério da Defesa foi tempestuoso, e o conflito burocrático teve de ser resolvido diante do Conselho de Segurança.

A iniciativa de Kvashnin de forçar o assunto levantou sérias questões sobre a cadeia de comando militar, como o relacionamento entre o ministro e seu subordinado nominal, o chefe do Estado-Maior Geral. Um dos críticos, ressaltando as pretensões de Kvashnin em servir como comandante-em-chefe militar, questionou a necessidade de a Rússia manter o Estado-Maior Geral, o qual ele comparou desfavoravelmente com a Junta de Chefes de Estado-Maior dos EUA. O autor argumenta a possibilidade de converter o cargo de Ministro da Defesa em um cargo civil, assegurando aos civis o controle sobre qualquer decisão para empregar as forças armadas.⁶³ Parece que o debate resultou em um compromisso burocrático.⁶⁴ Tanto Sergeev quanto Kvashnin retiveram seus respectivos cargos. Forças estratégicas nucleares não serão abandonadas. A Rússia iria tentar reduzir e manter seu arsenal ao estender a garantia de alguns sistemas. As forças convencionais receberiam verbas adicionais para a sua modernização. Armamentos nucleares não estratégicos teriam um maior papel no teatro de guerra, enfatizando o seu emprego como um meio para a desescalada do conflito.

A renovada ênfase em armamentos nucleares não estratégicos no teatro de guerra deverá ser visto como um resultado dos fatores que vêm moldando a doutrina russa durante os quatro últimos anos. Deve-se dar maior importância ao declínio das capacidades militares convencionais, o qual é uma função da crise econômica da Rússia e da obsolescência de seus vários sistemas de armas criados para um teatro de guerra mecanizado. Também de grande

importância tem sido a percepção da vulnerabilidade russa diante de uma intervenção da OTAN-EUA em conflitos armados em sua periferia. A doutrina russa enfatiza o emprego de armas nucleares não estratégicas a fim de dissuadir a intervenção e a redução progressiva do conflito através de sistemas aéreos ou de ataques profundos de precisão.

A síndrome de Kosovo tem raízes muito mais profundas do que a atual campanha da OTAN. O emprego do poder militar da OTAN contra a Iugoslávia serviu como uma vertente entre as elites políticas e militares russas popularizando a percepção da OTAN como um provável inimigo. Alguns analistas russos estão preocupados sem saber o que esperar além do limiar do emprego de armamento nuclear na atualidade. Contudo, outros acreditam que o gênio nuclear perdeu todo o seu poder para dissuadir conflitos que serão, cada vez mais, dominados pela revolução em assuntos militares.

Há um século, a análise de Jan de Bloch sobre a suposta dominância da ofensiva provou ser uma ilusão em guerra de grande escala. Líderes militares e civis russos parecem agora estar dominados pela autopercepção de sua fraqueza e vulnerabilidade, tendo abraçado sistemas nucleares não estratégicos como uma solução passageira, um aumento da quarta geração de poder de combate para apoiar a guerra de sexta geração. Porém, existem argumentos sólidos que duvidam os fatores estressantes do domínio da defesa, a natureza humana de tais conflitos e sua curta duração. Previsões errôneas sobre ameaças e guerras podem levar a erros de cálculos profundos e dispendiosos.

A Rússia tem boas razões para abandonar o atual regime unilateral para armamentos nucleares não estratégicos, e é provável que não adote uma versão formal bilateral ou multilateral sem concessões dos EUA e da OTAN sobre outros temas de controle de armas. Sem dúvida, isto é uma grande consequência das percepções da liderança de que o período da Guerra Fria findou, e que o mundo entrou em outro período entre guerras. Segundo Aleksei Arbatov “O bombardeio da Iugoslávia despertou os piores instintos da Guerra Fria” entre os civis e a liderança militar russa.⁶⁵ Mais precisamente, o isolamento da Rússia e a indiferença deliberada da OTAN aos seus interesses confirmou as hipóteses de hostilidade da OTAN, as quais há poucos anos haviam sido confinadas ao extremo nacionalismo e aos círculos comunistas.⁶⁶ **MR**

REFERÊNCIAS

1. Robert S. Norris e William M. Arkin, “Russian Nuclear Forces, 2000,” *The Bulletin of the Atomic Scientists*, julho/agosto 2000, www.thebulletin.org/issues/nukenotes/ja00nukenote.html.
2. Thomas Wuchte, “Nonstrategic Nuclear Weapons in the Former Soviet Union: A Cause for Alarm?” publicado na revista *European Security*, Summer 1996, pp. 240-55.
3. Nikolai Sokov, “Tactical Nuclear Weapons Elimination: Next Step for Arms Control,” publicado na revista *The Nonproliferation Review*, Winter 1997.
4. Stephen Lambert and David A. Miller, *Russia's Crumbling Tactical Nuclear Weapons Complex: An Opportunity for Arms Control* (Colorado Springs, CO: US Air

Force Institute for National Security Studies, Academia da Força Aérea dos EUA, 1997).

5. “Estimated Russian Stockpile, End of 1996,” publicado na revista *The Bulletin of the Atomic Scientists*, Maio/Junho de 1997 www.thebulletin.org/issues/nukenotes/mj97nukenote.html

6. Bill Gertz, “U.S. Yet To Query Moscow On Nukes,” publicado no jornal *The Washington Times*, 4 de janeiro de 2001.

7. “Russia Denies Moving Nuclear Arms,” publicado no diário *The Associated Press*, Moscou, 4 de janeiro de 2001.

8. Nikolai Sokov, "The Tactical Nuclear Weapons Controversy," publicado na revista *Jane's Defence Weekly*, 31 de janeiro de 2001.

9. Sistemas de armas nucleares não estratégicas referem-se a qualquer ogiva ou sistema de lançamento com um alcance menor que 5 500 km, ou sistemas não cobertos sob o atual acordo de armas estratégicas entre a Rússia e os EUA. Sistemas de armas nucleares não estratégicas foram inicialmente previstos como parte integral das operações estratégicas do teatro, embora houvesse intensos debates sobre a sua utilidade em operações ofensivas porque o seu emprego poderia reduzir o ritmo de avanço das forças atacantes e levar a consequências imprevistas, inclusive a escalada estratégica. Aleksei Arbatov estimou, em 1980, que o tamanho do arsenal nuclear soviético era mais de 10 000 ogivas estratégicas e aproximadamente 30 000 ogivas táticas. Aleksei Arbatov "The Transformation of Russian Military Doctrine: Lessons Learned from Kosovo and Chechnya," (A Transformação da Doutrina Militar Russa; Lições Aprendidas de Kosovo e da Chechênia) publicado no documento *The Marshall Center Papers*, No. 2 (Papel nº 2 do Centro Marshall em Garmisch-Partenkirchen, Alemanha: The George C. Marshall Center, 2000), p. 4. Estimativas sobre o arsenal atual da Rússia varia enormemente. Nikolai Sokov, estudioso deste tema, previu recentemente umas 8 000 ogivas, admitindo que "Na falta de dados concretos, a análise fica reduzida a um trabalho de adivinhação. Na ausência de quantidades oficiais sobre este arsenal, a avaliação das reservas variam entre 2 000 e 18 000 ogivas. Uma estimativa mais realista seria cerca de 8 000 ogivas no início do ano passado, quando a implementação dos acordos unilaterais de 1991-92 estavam quase completos". Sokov, "The Tactical Nuclear Weapons Controversy" (A Controvérsia sobre as Armas Nucleares Táticas).

10. Igor Rodionov, "Neobkhidimo reformirovat' ne chasty sistemy voyennoy bezopasnosti gosudarstva, a vsyu ee v selom," *Nezavisimoye voyennoye obozreniye*, novembro de 1996.

11. Frank Umbach, "Russia as a 'Virtual Great Power': Implications for its Declining Role in European and Eurasian Security," (Rússia como um Grande Poder Virtual: Implicações para seu papel declinante na segurança da Europa e Eurásia) publicado no periódico *European Security*, No. 3, 1999.

12. Televisão Pública da Rússia. Primeira Rede de Canais, 1500 GMT, 3 de novembro de 1998.

13. V.M. Baryn'kin, "Voyennye ugrozy Rossii i problemy razvitiya ee Vooruzhennykh Sil," *Voyennaya mysl*, Nº. 1, janeiro/fevereiro de 1999, pp. 2-3.

14. *Ibid.*, p.5.

15. Mikhail Tsyppin, "Military Reform and Strategic Nuclear Forces of the Russian Federation," (Reformas Militares e Forças Nucleares Estratégicas da Federação Russa) publicado na revista *European Security*, Spring 2000, pp. 36-38.

16. Aleksandr Gol'ts, "Nekhoroshaya doktrina pri plokhoy igre," *Itogi*, 18 de maio de 1999, pp. 28-29; Nikolai Sokov, "Overview: The April 1999 Russian Federation Security Council Meeting on Nuclear Weapons" (Resumo: Conselho de Segurança da Federação Russa sobre Armas Nucleares de abril de 1999) (Newly Independent States [NIS] Nuclear Profiles Database, Nonproliferation Studies Center, Monterey Institute of International Studies, 29 de junho de 1999 — Base de Dados sobre os perfis Nucleares dos Estados recentemente independentes).

17. A.V. Nedelin, "O teoreticheskikh osnovakh yadernoy strategii," *Voyennaya mysl*, março/abril 1999, pp. 36-41.

18. *Ibid.*, p. 39; Aleksandr Dugin, "Osnovy geopolitiki: Geopoliticheskoe budushchee Rossii, in the series," *Bol'shoe prostranstvo*, (Moscou: Arktogaja, 1997), pp. 263-71 e 299.

19. V.I. Levshin, A.V. Nedelin e M.E. Sosnovskiy, "O primenenii yadernogo oruzhiya dlya deeskalatsii voyennykh deystviy," *Voyennaya mysl*, maio/junho 1999, pp. 34-37.

20. *Ibid.*, pp. 34-35.

21. *Ibid.*, p. 35.

22. *Ibid.*, pp. 35-36.

23. *Ibid.*, p. 36.

24. *Ibid.*

25. *Ibid.*

26. *Ibid.*, p. 37.

27. Igor Korotchenko e Vladimir Mukhin, *Nezavisimaya gazeta*, 23 de junho de 1999, p. 2; Aleksander Babakin, *Rossiyskaya gazeta*, 26 de junho de 1999, p. 2; Yuri Golotyuk, "Zapad-99 Said to Have Rehearsed Nuclear Strike," *Izvestiya*, (Zapad-99 Boatos de Haver Adestrado Ataques Nucleares) 29 de junho de 99, p. 2; Dmitri Litovkin and Roman Fomichenko, *Krasnaya zvezda*, 13 de julho de 1999, p. 2; Aleksander Golts, *Itogi*, p. 3; agosto de 1999, pp. 12-15; Michael R. Gordon, *International Herald Tribune*, 12 de julho de 1997, p. 2; Baryn'kin, "Voyennye ugrozy Rossii i problemy razvitiya ee Vooruzhennykh Sil," p. 3.

28. Ilya Bulavinov, *Kommersant-daily*, 3 julho de 1999, pp. 1-2.

29. Para consultar sobre as experiências militares dos EUA nas recentes operações e sua base doutrinária ver A.N. Zakharov, "Operatsiya 'Lisa pustyni': Razvitie strategii i operativnogo iskusstva," *Voyennaya mysl*, Setembro-Outubro de 1999, pp. 67-70; A.V. Krasnov, "Aviatsiya v yugoslavskom konflikte," *Voyennaya mysl*, setembro-outubro de 1999, pp. 71-74; G.A. Mikhaylov, *Amerikanskii vzglyad na problemy vedeniya boevykh deystviy na TVD* (Moscou: Institut Soedinennykh Shtatov Ameriki i Kanady, Rossiyskaya Akademiya Nauk, 2000).

30. *Ibid.*

31. *Ibid.*, p. 5.

32. Evgeniy Fedosov e Igor Spasskiy, "Precision Weapons Have Taken the Place of the God in War" (Armas de Precisão têm substituído Deus na Guerra), *Nezavisimoye voyennoye obozreniye*, 23-29 julho de 1999, p. 6.

33. *Ibid.*

34. *Ibid.*

35. V.A. Vakhrushev, "Lokal'nye voyny i vooruzhennyye konflikty: Kharakter i vliyaniye na voyennoye iskusstvo," publicado no *Voyennaya mysl*, julho/agosto de 1999, p. 28.

36. Stanislav Voronin e Sergey Brezkun, "A Strategically Beneficial Asymmetry," (Uma Assimetria Estratégicamente Vantajosa) publicado no *Nezavisimoye Voyennoye Obozreniye*, 17 de setembro de 1999.

37. Sergey Tarasovich Brezkun, "Pioners' Must Be Revived: Russia Needs a New 'European,'" (Pioneiros devem ser Ressuscitados: A Rússia precisa de uma Nova Europa) publicado no *Nezavisimoye Voyennoye Obozreniye*, 13-19 agosto de 1999, p. 4.

38. "Voyennaya doktrina Rossiyskoy Federatsii," *Krasnaya zvezda*, 9 de outubro de 1999, p. 4.

39. Viktor Kopylov, "Obsuzhdaem proekt Voyennoy doktriny. Otvetstvennost' doizhna byt' konkretnoy," *Krasnaya zvezda*, 16 de novembro de 1999.

40. Stepan Tyushkevich, "Obsuzhdaem proekt Voyennoy doktriny. Tol'ko na nauchnoy osnove," publicado no *Krasnaya zvezda*, 23 de novembro de 1999.

41. Vladimir Sivolob and Mikhail Sosnovskiy, "A Reality of Deterrence: Algorithms for Nuclear Use Should Become a Component Part of Military Doctrine," (A Realidade da Dissuasão: Algoritmos para Emprego Nuclear Devem Fazer parte da Doutrina Militar) publicado no *Nezavisimoye Voyennoye Obozreniye*, 22 de novembro de 1999, p. 4.

42. *Ibid.*

43. *Ibid.*

44. *Ibid.*

45. V.N. Tsygichko e A.A. Piontkovsky, "The ABM Treaty: Current and Future," (O Acordo de Defesa de Mísseis Balísticos: Atual e Futuro) publicado no *Voyennaya mysl*, janeiro/fevereiro de 2000, pp. 10-13.

46. S.V. Kreydin, "Limited ABM Defense: Elimination of Weakness or Reinforcement of Strength?" (Defesa de Mísseis Balísticos Limitada: Eliminação da Fraqueza ou Reforçamento da Força Militar?) publicado no *Voyennaya mysl*, janeiro/fevereiro de 2000, pp. 14-18.

47. Leonid Ivashov, "Ballistic Missile Defense: Strengthening Strategic Stability or a New Spiral of the Arms Race?" (Mísseis Balísticos de Defesa: Reforçando a Estabilidade Estratégica ou uma Nova Corrida Armamentista?) publicado no *Krasnaya zvezda*, 29 de junho de 2000, pp. 1-3; Valeriy Aleksin, "There are Responses to America's Calls—So Feels the Director of the Center for International and Strategic Studies Vladimir Belous," (Não há Respostas aos Pedidos Norte-Americanos — Assim pensa o Diretor do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais Vladimir Belous) publicado no *Nezavisimoye Voyennoye Obozreniye*, 14 de julho de 2000, pp. 1-2; Mikhail Musatov, "The Right to a First Strike," (O Direito ao Primeiro Ataque) publicado no *Armeyskiy Sbornik*, junho de 2000.

48. S.V. Kreydin, "Problemy yadernogo sderzhivaniya: boevaya ustoychost' yadernogo potentsiala," publicado no *Voyennaya mysl*, julho/agosto de 2000, p. 71.

49. *Ibid.*

50. *Ibid.*, p. 75.

51. *Ibid.*, p. 76.

52. *Ibid.*, p. 77.

53. *Ibid.*

54. V.I. Slipchenko, *Voyna budushchego em Nauchnye doklady*, No. 88. (Moscou: Moskovskiy Obshchestvennyi Nauchnyy Fond, 1999).

55. Vladimir I. Slipchenko, "Russian Analysis of Warfare Leading to the Sixth Generation," publicado na revista *Field Artillery* de outubro de 1993, pp. 38-41.

56. Slipchenko, *Voyna budushchego*, pp. 16-21.

57. *Ibid.*, p. 27.

58. *Ibid.*, p. 157.

59. *Ibid.*, p. 178.

60. V.V. Zhikharskiy, "K voprosu o voynakh budushchego," publicado no *Voyennaya mysl*, julho/agosto de 2000, p. 78.

61. *Ibid.*, pp. 78-79.

62. Andrey Smirnov, "Genshtab primenil yadernoye oruzhie v kadrovoy voyne," *Segodnya*, 13 de julho de 2000; "Ofitsial'no. Zasedanie kollegii Ministerstva oborony RF," *Krasnaya zvezda*, 14 de julho de 2000, p. 1.

63. Vitaliy Vasil'evich Shlykov, "Nuzhen li Rossii General'nyy shtab?" *Voyenny Vestnik*, Nº. 7, 2000.

64. Pavel Fel'gengaur, "Politika. Sergeev - Kvashnin: Boevaya nich'ya," *Moskovskie novosti*, 15 de agosto de 2000, p. 7.

65. Arbatov, *The Transformation of Russian Military Doctrine: Lessons Learned From Kosovo and Chechnya*, (A Transformação da Doutrina Militar Russa; Lições Aprendidas de Kosovo e da Chechênia) p. 9.

66. *Ibid.*

Jacob W. Kipp é analista sênior do Escritório de Estudos Militares Estrangeiros no Forte Leavenworth, Kansas. Graduou-se pela Shippensburg State College, e é Ph.D. pela Pennsylvania State University. Seus trabalhos sobre história militar russa e soviética têm sido publicados extensamente; trabalha ainda como editor americano do periódico European Security. É professor adjunto de história na University of Kansas e ministra aulas no Programa de Estudos Europeus e Soviéticos. Seu artigo "The Tyranny of Time and Distance: Bridging the Pacific" foi publicado na edição em inglês de julho-agosto de 2000 da Military Review.